

TEXTÃO NAS REDES SOCIAIS: O DIZER ONLINE

Nathália Marques Flores (UFSM)
Larissa Montagner Cervo (UFSM)

RESUMO: Buscamos relacionar as noções de *língua*, *sujeito*, *texto* e *discurso* no espaço virtual que contribuem para a interação dos sujeitos em Redes Sociais. Partindo do estudo de diversos autores que seguem os pressupostos da Análise de Discurso, as reflexões aqui abordadas buscam compreender esse espaço discursivo que as Redes Sociais oferecem ao sujeito (autor e leitor). A pesquisa realizada encontra-se mais especificamente no *Facebook*, fazendo uso de uma organização textual específica: o *Textão*, que, na nossa leitura, é lugar para diversas formas de expressão em que o sujeito encontra um espaço para significar o seu dizer. Para tanto, executaremos uma análise teórica, com base em Michel Pêcheux, Eni Orlandi, Cristiane Dias, entre outros, da utilização dessa ferramenta *Textão*, em Redes Sociais, como forma de significância do dizer dos sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Texto. Sujeito. *Textão*. Internet.

ABSTRACT: We seek to relate the notions of language, subject, text and discourse in the virtual space that contribute to the interaction of the subjects in Social Networks. Based on the study of several authors that follow the assumptions of Discourse Analysis, the reflections here are aimed at understanding the discursive space offered by the Social Networks to the subject (author and reader). The research is found more specifically on Facebook, making use of a specific textual organization: *Textão*, which, in our reading, is a place for various forms of expression in which the subject finds a space to signify his or her saying. To do so, we will perform a theoretical analysis, based on Michel Pêcheux, Eni Orlandi, Cristiane Dias, among others, of the use of this tool *Textão*, in Social Networks, as a form of significance of the subjects' say.

KEYWORDS: Speech. Text. Subject. *Textão*. Internet.

1 INTRODUÇÃO

Para iniciar este texto, julgamos ser importante trazer alguns processos pelos quais percorremos até alcançar as reflexões que foram obtidas ao longo das pesquisas realizadas. Este trabalho teve início no desenvolvimento do projeto de Mestrado em Estudos Linguísticos, na Universidade Federal de Santa Maria. Ele visava a pesquisar questões discursivas encontradas no espaço virtual, dando especial ênfase a uma organização textual específica: o *Textão*, situado em Redes Sociais.

O desejo de pesquisar a presente pesquisa surgiu após imensa satisfação vivida ao longo da elaboração de um artigo desenvolvido na disciplina de Núcleo de Pesquisa em Língua Portuguesa, durante a graduação do curso de Letras Português, na Universidade Federal de Santa Maria. O artigo embasava-se na necessidade de se refletir, cada vez mais,

sobre o reinante preconceito linguístico de alguns professores com o internetês. A princípio o artigo produzido seria apenas uma breve discussão sobre o tema, no entanto, a curiosidade em compreender, pesquisar e analisar o discurso, a língua, a história, os sujeitos, a leitura e o texto, no espaço digital, e em diferentes esferas, tornou o trabalho mais almejado.

Então durante a elaboração do projeto de Mestrado surgiu a questão: “Mas afinal o que é *Textão*?”. Na minha leitura, compreendem-se por *Textão* longos textos que são “postados” em Redes Sociais sobre os mais diversos temas e assuntos. Podem, muitas vezes, defender uma opinião, agradecer uma etapa conquistada, criticar alguma conduta ou ser utilizado como um diário on-line.

Sabemos dos diversos textos encontrados na rede de computadores, porém, o *Textão*, e isso é considerado um pré-julgamento meu (algo do meu imaginário), ele não é bem aceito pelos internautas pelo simples fato de ser considerado “chato” e “tedioso”. Será então que o *Textão* é considerado algo impróprio nesse espaço?

Há muitos adeptos que preferem utilizá-lo em Redes Sociais a fim de expressar seus sentimentos, suas visões, sobre determinado assunto. Não há uma referência ao sujeito que deu início à febre do *Textão*, porém, há muitos seguidores dessa tendência e diversos são os casos em que se lê: “Desculpa, mas hoje tem *Textão*” ou “Perdoem-me, mas lá vem *Textão*”.

Há uma grande diversidade de textos funcionando nesse mundo da tecnologia, inclusive novos textos surgem a todo o momento, revelando um espaço de criatividade, de instantaneidade. Por ainda estar buscando referências acerca do assunto e por ser uma nova pesquisadora na área da Análise de Discurso, possuo mais questionamentos do que respostas.

Contudo, estes questionamentos são primordiais para o desenvolvimento e o desenrolar dessa pesquisa. Como por exemplo: em que espaços os sujeitos expressavam sua opinião antes das Redes Sociais como o Facebook? A prática de escrever textos intitulado-os de *Textão* era recorrente? Seria na Carta do Leitor; em Blog’s; em Diários? Por que o *Textão* acontece? Em que condições isso que se convencionou como *Textão* é formulado?

Justificamos nosso trabalho com esses e outros questionamentos, a fim de tentar compreender como essa ferramenta significa, como ela é utilizada, como o sujeito se significa nesse espaço. Ao decorrer das pesquisas e das análises buscamos regularidades que nos deem indícios de como o *Textão* significa nesse espaço e em que condições ele é formulado, servindo como um recurso de posicionamento do sujeito frente a temas diversos.

2 O ANTIGO E O ATUAL – (O PAPEL E A TELA)

Começaremos por discutir a questão que julgamos ser uma das principais indagações ao elaborar o estudo e a pesquisa para este trabalho. Muito embora saibamos que as diversas ferramentas que o sujeito possui atualmente para expressar seu dizer, para escrever textos e, conseqüentemente, fazer memória e história, trazem poucas questões que nos levem a refletir acerca das ferramentas utilizadas antigamente.

Quem ainda possui o privilégio de conviver com pessoas mais idosas que passaram por esse processo, que hoje é visto como um processo vagaroso, de visitar bibliotecas a fim de estudar e pesquisar sobre diversos assuntos sabe que, ao observar essas noções voltadas à internet, essa indagação é mais comum do que pensamos. Qual era o local mais adequado para que os sujeitos expressassem o seu ponto de vista? Quais eram as ferramentas disponibilizadas à sociedade para que esta pudesse pronunciar o seu dizer?

Em uma das muitas leituras sobre o assunto internet, deparei-me com um texto da Kate Gale (2014 - atualizado em 2017), editora e professora da Universidade de Nebraska, em que ela se questiona sobre o fato de estarmos tão *online* que esquecemos, e muitos de nós nem sequer sabia para poder esquecer, que a internet “consumiu” a sociedade de tal forma que hoje é quase impossível não checar os e-mails antes mesmo de sairmos de casa.

Ela menciona que com tantas conexões as pessoas podem pensar que a internet conseguiu aproximar mais a família do que antigamente. Porém, “no século 19, as pessoas escreviam cartas para suas famílias. Elas eram lidas, relidas, apreciadas”. Ou seja, refletindo sobre o que foi dito anteriormente somado ao pensamento de Gale, existiram “plataformas” em que os sujeitos escreveram, posicionaram-se, expuseram seu ponto de vista.

O que não podemos negar é o fato de que conforme o mundo evolui, conforme a sociedade organiza seu modo de discursar entre os sujeitos, e conforme as ferramentas se modificam, há de se concluir que não importa o espaço, não importa a época, o sujeito está e sempre estará significando o seu dizer.

Como menciona Scotta (2008):

Linguagens & Cidadania, v. 19, jan./dez., 2017.

A influência e a centralidade destas novas tecnologias de informação e comunicação (que são também tecnologias de linguagem) na contemporaneidade é tal que estaríamos presenciando o surgimento de um novo paradigma, o informático. (p.11)

Com base nas declarações de Solange Mittmann, em uma apresentação no evento 5º Encontro Rede Sul Letras, na Universidade de Caxias do Sul (UCS) - RS, cujo título de seu trabalho era “A autoria na tecedura de histórias nas redes sociais”, existe, nesse mundo virtual, uma relação entre memória e atualidade, entre estrutura e acontecimento. Não há como negar que nesse espaço da tecnologia vivemos em uma atualização constante.

Segundo a professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o sujeito demonstra cada vez mais que há uma necessidade de estar nas redes. Existe essa necessidade de falar, e não somente na presença “ao vivo” do outro, mas na presença virtual do outro.

Há muito mais que apenas a mudança do papel para a tela do computador. Tem-se o fato do folhear um livro e o deslizar o dedo em um mouse, o escrever e o teclar, e podemos até pensar na questão do concreto, da significância de termos certo controle com um livro em mãos e no mundo virtual termos a fluidez da internet, tamanha rapidez nos faz perder, imaginariamente, o comando.

2.1 A internet e sua evolução

A internet chega ao mundo nas décadas de 60/70, mais especificamente no Reino Unido e após nos Estados Unidos, utilizada apenas para fim acadêmico e científico. Porém, em 1987, foi liberado pela primeira vez o seu uso comercial nos EUA e em 1990 já impactava questões culturais e questões do comércio devido a grande utilização de e-mails, blogs, fóruns de discussões e compras online.

Porém, discute-se o fato de que, nas décadas anteriores à internet, os sujeitos utilizavam mais a presença do outro no “ao vivo” do que no virtual, assim como mencionado ao nos basearmos nos pensamentos da professora Mittmann, os discursos proferidos entre os sujeitos já faziam sentido a esses locutores no “ao vivo”, portanto, podemos pensar que também o faça para os interlocutores na internet.

A necessidade de falar, de escrever - e essas afirmações são algumas reflexões nossas - vem desde os primórdios. Inclusive, antes mesmo de pensarmos na possibilidade do mundo virtual existiam formas variadas de contato entre os sujeitos - como em cartas, jornais, rádio, telefones, etc - lugares em que a relação, a comunicação entre os sujeitos era utilizada.

Nós, indivíduos interpelados pela ideologia, pela história, pela memória, precisamos falar, precisamos textualizar, expor nossa discursividade ao outro. Assim como um provérbio latino sustenta: “Verba volant, scripta manent” - “As palavras voam, os escritos ficam”. Ou seja, perpetuamos nosso falar, escrevendo.

Refletindo acerca dessa evolução da internet, desse mundo virtual que chegou para auxiliar a sociedade em tantas instâncias, pudemos perceber que isso acarretou em uma evolução nos sujeitos também, pelo fato de nos sentirmos mais conectados ao mundo e às suas notícias, à família e ao trabalho.

Criada em 1969, a internet veio com a função de interligar laboratórios de pesquisa. Neste mesmo ano, o primeiro e-mail da história foi escrito por um professor da Universidade da Califórnia a um amigo em Stanford.

Essa rede pertencia ao Departamento de Defesa norte-americano. O mundo vivia o auge da Guerra Fria. A Arpanet era uma garantia de que a comunicação entre militares e cientistas persistiria, mesmo em caso de bombardeio. Eram pontos que funcionavam independentemente de um deles apresentar problemas. A partir de 1982, o uso da Arpanet tornou-se maior no âmbito acadêmico. Inicialmente, o uso era restrito aos EUA, mas se expandiu para outros países, como Holanda, Dinamarca e Suécia. Desde então, começou a ser utilizado o nome internet. (SILVA, Leonardo. Folha de São Paulo)

Inicialmente o propósito da internet, se comparado com o propósito dos tempos modernos, era totalmente diferente. As visões eram outras, os tempos eram distintos e os sujeitos viviam em condições de produções diferentes dos dias de hoje. O que persiste desde o seu início até hoje é a sua finalidade: a garantia de uma comunicação. “A característica da Internet que a faz avançar a cada dia desde a década de 90 é o fato de que ela propicia encontros” (DIAS. 2009, p. 904).

2.1.1 Redes sociais, Facebook, internet

Durante a elaboração do projeto de Mestrado, que visa a pesquisar as questões discursivas encontradas no espaço virtual, dando especial ênfase a uma organização textual específica: o *Textão*, situado em Redes Sociais, pude notar tamanha curiosidade em compreender e pesquisar mais as noções de discurso, língua, história, sujeito, leitura e texto, no espaço digital, e em diferentes esferas. Motivo do qual optamos por observar somente textos encontrados nas Redes Sociais, mais especificamente no Facebook.

O Facebook é uma das redes sociais mais utilizadas pelos sujeitos nos dias atuais. Essa rede teve início no ano de 2004, foi lançada por estudantes da Universidade Harvard, e alcançou o mundo. Se pararmos para refletir sobre a palavra Facebook em si, notamos que envolve “face”, de rosto, e “livro”. O que chamou nossa atenção para o fato de que mesmo envolvendo o mundo virtual, o “papel”, que encontramos nos livros, continua presente, mas dessa vez é imaginário. Ou seja, é um lugar em que as pessoas utilizam não somente para entrar em contato com amigos, familiares, grupos, mas também como uma forma de expressar o seu dizer, escrevendo, expondo seu ponto de vista ou manifestando seus sentimentos.

A internet, na visão do campo em que estudamos, na Análise de Discurso (doravante A.D), é tratada como “instância propulsora de “acontecimentos enunciativos/discursivos”, ou seja, nesse espaço, o encontro de sentidos heterogêneos têm produzido novas textualidades, novos efeitos de sentido e novas discursividades” (Gallo, 2011, p. 255). Os efeitos de sentido frente à essas novas textualidades e novas discursividades demonstra, aos sujeitos que navegam nessa rede, um dizer sem fim, um dizer com múltiplas interpretações acarretadas de diferentes formações discursivas.

Orlandi considera o texto como sendo unidade de análise. Para ela é “uma unidade feita de som, letras, imagens, sequências, com uma extensão dada, com (imaginariamente) um começo, meio e fim, tendo um autor que se representa em sua origem com sua unidade lhe propiciando coerência, não-contradição, progressão e finalidade” (Orlandi, 2001, p. 91).

2.2 Interpretação, autor, leitor

A A.D tem o papel de inaugurar outras maneiras de ler e o papel do analista é bem importante e ao mesmo tempo demanda um trabalho meticuloso, pois, segundo Orlandi, 2001, há uma história de leituras que afetam os textos. “O mesmo leitor não lê o mesmo texto da

mesma maneira em diferentes momentos e em condições distintas de produção de leitura, e o mesmo texto é lido de maneiras diferentes em diferentes épocas, por diferentes leitores” (p. 62).

A autora faz referência ao que R. Barthes menciona quando traz a questão do olhar; implica em uma inclinação do olhar. “O olhar inclina-se sobre o texto”. Nesse sentido já pode-se pensar no efeito-leitor, produzido pelos gestos de interpretação. A textualidade é feita desses gestos. Como já mencionado, texto é unidade de análise.

As noções de interpretação, de função-autor, efeito-autor, função-leitor, efeito-leitor, mencionadas aqui, são de grande relevância quando se pretende pesquisar sobre questões textuais. Com esses conceitos bem formulados é possível compreender melhor o que envolve a elaboração de textos na internet, como eles funcionam nas Redes Sociais, e como essa gama de textos online relaciona os sujeitos que produzem e os sujeitos que leem.

Com base em Orlandi (2007), apoiada em Pêcheux (1990), “[...] interpretar, para o analista de discurso, não é atribuir sentidos, mas expor-se à opacidade do texto [...]” (p.64) ou da maneira que Orlandi (1987) propõe, “é compreender, ou seja, explicitar o modo como um objeto simbólico produz sentidos, o que resulta em saber que o sentido sempre pode ser outro”. (p.64)

O espaço do interpretar no texto, para A.D, afirma uma materialização do político por possuir separações do texto que abrange as diferentes formações discursivas, com diferentes pontos de subjetivação do sujeito e diferentes posições do sujeito e que estão dispersas na textualidade.

A nossa língua tem um funcionamento ideológico, tendo em sua materialidade essa questão do lugar da falha e nesse momento entra a questão da interpretação que a autora também traz. O lugar do outro dizer, do outro enunciado, é o lugar da interpretação, e é porque há esse outro na sociedade, na história, que pode haver ligações, identificações, abrindo espaço para uma relação em que há possibilidades de interpretação.

A noção de função-autor para Orlandi (2001), com inspiração em Foucault, é uma função do sujeito, e não do autor, como afirma Foucault. É do sujeito, pois ele é concebido na linguagem e na história, e não é do autor, pois o autor carrega consigo a ilusão da unidade do dizer.

A função-autor, seguindo as reflexões de Orlandi (idem), “[...] constrói uma relação organizada - em termos de discurso - produzindo um efeito imaginário de unidade (com começo, meio, progressão, não contradição e fim)” (p.65). A isto a autora chama de textualidade, pois toda vez que isso se apresenta, existe a função-autor, “colocando imaginariamente o sujeito na origem do sentido e sendo responsabilizado pela sua produção”.

Pensando na questão da nossa pesquisa, o *Textão* em Redes Sociais, podemos refletir muito sobre a questão do autor. Porém, quando pensamos no leitor? O leitor está atrelado nesse imaginário do autor das Redes Sociais, que possui a ilusão de dizer para certos leitores, excluindo a ideia de que o sujeito-autor não tem como prever quem serão seus leitores absolutos. Aqui podemos trazer a noção de efeito-leitor.

Os textos analisados estão atravessados por diversas formações discursivas, há diversas leituras próprias do sujeito-autor e também do sujeito-leitor. Pensando nisso pela perspectiva do analista de discurso, esse sujeito-autor escreveu por algum motivo, escreveu imaginando (ilusão) que alguém iria ler o seu texto, e mais, escreveu com a intenção de causar determinados efeitos nesses leitores.

O sujeito que lê um *Textão* não o lê da mesma posição em que o sujeito que o formula. O sujeito que lê é posto em relação a essa posição, pois nesse movimento de autor e leitor entram as diferentes leituras possíveis, os diferentes gestos de interpretação que são trabalhadas no/pelo efeito-leitor. Essas leituras diferentes demonstram os modos de subjetivação que são diferentes para cada sujeito diante da sua relação com a materialidade da linguagem.

Afinal, as múltiplas possibilidades de leituras em um texto estão no espaço constituído pela relação discurso e texto, nesse entremeio, lugar em que encontramos os diferentes gestos de interpretação. Dessa forma, é importante fazer com que o sujeito perceba a existência das relações de sentidos que transitam e que há muitas versões de leitura possíveis.

2.3 Texto, discurso, autoria

O que Orlandi (2001) propõe, talvez, é a questão da multiplicidade de leituras que se abrem a partir dessa relação que ela chama de “imperfeita” do texto com a discursividade. A autora traz a ideia de que o texto se apresenta como um todo em sua unidade. “O trabalho

simbólico do sujeito colocar em palavras “o que tem na cabeça” converte o discurso em texto”. (p.112). O discurso é considerado sempre incompleto, assim como são incompletos os sujeitos e os sentidos.

O texto é heterogêneo, pois, ele é atravessado por diversas formações discursivas e é afetado por diferentes posições do sujeito. Contudo, as diferentes formações discursivas regionalizam as posições do sujeito em função do interdiscurso. O analista de discurso deve percorrer, no texto, o movimento dos percursos de sentido subjetivados, que são projeções do funcionamento das formações discursivas.

Para Orlandi o texto significa em si e não as palavras presentes nele. Quando as palavras significam é porque existem textualidade, ou seja, a interpretação dada a essas palavras derivam de um discurso que as sustentam. Texto também é um objeto histórico no sentido de ser o texto um discurso, ou melhor dizendo, texto é um objeto linguístico-histórico e visto na perspectiva do discurso não é uma unidade fechada pois ele tem relação com outros textos, com suas condições de produção e com a sua exterioridade constitutiva.

Deve-se trabalhar a historicidade do texto (2007), tratar de compreender como a matéria textual produz sentidos. São os meandros do acontecimento do texto como discurso que chamamos historicidade. Ou seja, para os sujeitos compreenderem um *Textão* devem se relacionar com os diferentes processos de significação que acontecem no texto.

É interessante pensar que não se trata de focar nas palavras e/ou frases utilizadas em um *Textão*, o que importa é o que o texto organiza em sua discursividade; a história significa (constitui-se) na linguagem de sentidos, ou seja, desse encontro há o texto, logo, textualidade que é história, que produz sentidos.

Deve-se olhar para o texto como sendo um fato, observar como ele funciona enquanto objeto simbólico e é de grande importância observar que os textos que analiso e analisarei estão atravessados por diversas formações discursivas dada a heterogeneidade que os constituem. Nas análises realizadas não será falado sobre o texto em si, mas sim sobre o discurso, pois é o processo discursivo que faz com o que o texto signifique.

A questão da autoria encontra-se no meio de tudo que envolve o texto e o discurso. Não há texto sem autor. A função-autor existe desde que haja um sujeito que se coloca na origem do dizer. Há a relação autor/texto e nesse processo focamos no conceito de autoria.

O autor é o responsável pelo texto que produz. A noção de autor já é uma função de sujeito, pois ele é responsável pela organização dos sentidos e pela unidade do texto, produzindo assim o efeito de continuidade do sujeito. Porém, focando nas noções de um analista, na A.D a função-autor é vista de uma maneira um pouco diferente das reflexões de Foucault; pois a função-autor “se realiza toda vez que o produtor da linguagem se representa na origem, produzindo um texto com unidade, coerência, progressão, não-contradição e fim”. (Orlandi, p, 69. 2007). Embora esse autor não instaure discursividade, como a visão de Foucault, ele produz um lugar de interpretação no meio dos outros. Isto é, o sujeito só se faz autor se o que ele produz for interpretável.

A autora cita trabalhos propostos por S. Gallo (1992) e J.Authier (1984) em seu livro *Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico* (2007). Os autores refletem sobre essa questão de autoria e trazem novas reflexões, colocando em um outro domínio de questões e de elaboração dos conceitos discursivos. “podemos dizer que a posição-autor se faz na relação com a constituição de um lugar de interpretação definido pela relação com o Outro (o interdiscurso) e o outro (interlocutor)” (p.74). Em A.D é posto como o efeito-leitor. O lugar do autor é determinado pelo lugar da interpretação, ou seja, para o autor, o chamado efeito-leitor representa sua exterioridade constitutiva - memória do dizer. De fato, a autoria constrói e é construída pela interpretação.

Aí está a posição do analista: na possibilidade de contemplar o movimento da interpretação, de compreender o sujeito. Ele está em uma posição deslocada, “que entremeia a descrição com a interpretação e que pode tornar visíveis as relações entre diferentes sentidos”. (Orlandi, 2007. p.85). O analista “procura determinar que gestos de interpretação trabalham aquela discursividade que é objeto de sua compreensão. [...] procura distinguir que gestos de interpretação estão constituindo sentidos” (Idem, p.88).

3 ANÁLISE

A breve análise realizada para a elaboração deste artigo, como já mencionado na introdução deste mesmo texto, visa a compreender como o *Textão* significa nesse espaço e em que condições ele é formulado, servindo como um recurso de posicionamento do sujeito frente a temas diversos.

Antes de iniciarmos as análises, foi indispensável localizar o texto. Observar as suas condições de produção. Por quem ele foi escrito? Quando foi escrito? Havia algum acontecimento histórico ocorrendo? Em que época foi escrito?

Os textos analisados apresentam sujeitos que demonstram ter se sentido à vontade para postar sobre determinados assuntos, o que corrobora cada vez mais com a ideia de que na internet o sujeito é capaz sim, de imaginar-se livre a tal ponto que se posiciona, sem parar para pensar no ato próprio de escrever na internet. Apenas escreve.

Os textos selecionados (anexo 1 e 2) foram encontrados na minha Rede Social. Por enquanto os textos que estamos selecionando para o corpus de análise são todos da minha Rede Social, mas não descartamos a possibilidade de utilizarmos textos de outras Redes Sociais, até porque a identidade do autor não é revelada e o que é de mais importante para a nossa análise é justamente a compreensão dos textos selecionados. Compreender as funções enunciativas do sujeito (locutor, enunciador e autor) e também os processos de significação que ocorrem a partir dos textos analisados.

Observar que é na instância de ser autor que mais se exerce a injunção a um modo de dizer que seria padronizado e institucionalizado no qual aparecem a responsabilidade do sujeito por aquilo que diz. É na função autor que sua relação com a linguagem está mais sujeita ao controle social.

Portanto, trata-se de considerarmos a relação que liga os sentidos às condições em que eles são produzidos e também assimilar as condições de produção desse dizer, perceber as relações que ele mantém com a sua memória e também dirigi-lo a uma formação discursiva.

Imagem 1



Linguagens & Cidadania

10 de setembro de 2016 · 0

nunca escrevi "senta que lá vem textão", porque amo/sou textão, então não peço desculpas pelo que amo/sou, e basicamente sempre que escrevo no facebook é textão, então seria chato pedir desculpas toda hora. agradeço a resistência dos que não obedecem a sociedade excitada (gracias, thiago, pela graça filosófica trazida - ainda não alcançada). pois, a quantidade de gente que pede show do letuce no nordeste não tá no gbt (perdição, jovens, pela glna anciã), algumas tentativas, algumas editais frustrados, algumas ideias mirabolantes, e não, nunca rolou, anunciei minha ida sozinha a Recife, num show onde toco minha guitarrinha e canto umas canções minhas, uma ou outra do letuce y outras cositas más, rolou um alvoroço, gente de natal pedindo pra eu ensinar minha ida até lá, mas dinheiro na mão não existe, só mesmo o vendaval, cheguei em Recife 15 anos após pisar aqui pela última vez, em 2001 vim visitar marinha, minha amiga de colégio e passei um mês de puro prazer e encontro linguístico, sonoro, astral, meu avô paterno era pernambucano, da cidade de floresta, sim, onde ocorrem as famosas brigas novas x ferraz (risos-cheros), nos visitava quando eu era pequena, e lembro de sair do banho e ele dizer "tá alinhada", com aquele D que só recite tem, e eu saívo e juro que é o sotaque mais lindo do mundo, em 2001 paguei 1 real num meio de transporte que me levou pra ilha de Itamaracá, não sei se era van ou kombi e nem importa, importa que custou 1 real e eu fui pra outra cidade por 1 real, o herbet vianna sofreu o acidente, eu estava aqui em Recife, foi intenso, fui pra oitanda no carnaval, vi shows maravilhosos, andei de porto de galinhas até maracajé, entrei no mar sem biquini, era um início de sensações & emoções que não teriam mais volta, estar aqui hoje foi intenso e cheio de significados, minha vócrasta, minha tia e os tinos me levaram pra almoçar, moqueca, bobó, aquela coisa maravilhosa, de tarde fui para o jardim do museu do estado de pernambuco, que graça, astral total, foi chegando gente, gente que é fã, gente curiosa, muitos velhinhos de cabeça branca que frequentam o museu, independente da programação (todos vieram falar depois e nossa, sem palavras), e daí que visto que letuce, minha banda, anda meio em pausa, em suspensão, por mil motivos: lucas tocando com legião urbana, crise, conspirações do universo, enfim, aproveitei a pausa e embrianei num lugar muito curioso que é minha nudez, eu poderia já ter gravado um disco, mas tatei uma tartaruga no ombro e não foi à toa, tenho outro tempo, sou rápida pra limpar cozinha e pra decidir o que comer, mas sobre as emoções sou lenta, contemplo, matuto, mudo de ideia, espero o arrepiado da confirmação, e uma grande maluquice que estou tentando traduzir só pra me fazer glória, mas enfim, me aproximei da minha guitarrinha verde, fiz outras canções, relembrei outras, e como lancei meu livro ano passado, o zaralhai (que alegria que você me dá, livro, nossa), montei um show meio sarau, meio stand up, meio muita coisa, que é o que realmente sou, gêmeos na casa 10, não dava pra fugir, meu trabalho é múltiplo, e com todo tesão genuíno que tenho por todas as atividades que exerceo, não é falta de atenção, é desejo exacerbado por tudo, amo atuar, amo cantar, amo escrever, amo fazer locução, amo o amor, amo viver, e me entrego 99% a tudo que faço, o outro 1% reservo para o mistério, fiz alguns shows sozinha, por vezes thiago ou arthur, meus amores, me acompanharam, mas o cerne do lance é estar só, no palco, nua, descobrindo uma letícia pós letuce, letuce sempre foi eu, pois era meu apelido, mas lucas era maestro e 5 planetas em touro, então as palavras finais não eram exatamente minhas, apesar da banda ser democrática, mas eu já aceitei algumas coisas porque detesto conflito, sou ruim de brigar, brigo mal, antes que leiam esse texto de forma errada, deixo aqui

que sou extremamente grata a ele, que me profissionalizou, verdadeiramente, é sobre outra coisa que quero falar, mas às vezes precisamos atravessar a lama pra chegar ali naquela borda, com menos lama, depois do show sozinha-sozinha aqui em Recife, fui autografar os livros e os discos que vendi (todost devia ter trazido mais, mas como saber? e o peso da mala? aaahhh), vieram três pessoas de outras cidades, uma te jóio pessoa, outra de natal, e outra veio de alagoas (não sei se de maceió), se eu não fui até eles, eles vieram até mim, uma das meninas, veio e a voltar no mesmo dia, 5 horas pra vir, 5 horas pra voltar, meu olho enche de lágrima enquanto escrevo isso porque isso é real, isso é palpável, isso é do reino da emoção, e nada, nunca vai ser mais bonito do que a emoção, que alegria saber disso, o ego é acariado mas foram anos de bullying e poucos elogios numa fase que é tão importante ouvir elogios, então consigo receber sem inflar, consigo trocar, consigo doar, consigo receber, que sorte, que trabalho, que delicado, saio para jantar com dois queridix de Recife, falamos sobre a cidade, eu babando no sotaque, e tome-lhe peixe, e tome-lhe capirinha de cajá, passo em frente ao prédio onde foi filmado aquarius, amanhã quero ir pra porto de galinhas, ver o mar, toda-se que é turista, amanhã não é feriado, e eu quero ver o mar, tomara que não chova, hoje choveu, que pena, mas tudo bem porque falaram que ontem estava tão quente, tão quente, que "rapaz, era um sol pra cada cabeça" (fazer o sotaque pra frase ficar mais charmosa ainda), chego no hotel na beira do mar, cogito sentar no banco e esperar ver um tubarão, olho preto de tubarão me fascina, mas estou cansada, acordei 4:20 (risos) pra pegar o avião, abro meu email e descubro, pela terceira vez, creio, que não passei no edital da natura, dessa vez era pra gravar meu disco solo, com produção da mahmundi, sinto um ligeiro baque, penso nos artistas que já foram beneficiados por tal edital (alguns até duas vezes seguidast), penso em todas as pessoas (do meio até) que já me alertaram que aquilo ali é conchavo, penso no meu pai que patrocinou o primeiro disquinho do letuce, penso nos fãs que nos ajudaram no crowdfunding do segundo álbum, e penso no dinheiro que ainda devo à danixelas, minha bruxa, que foi a produtora do estilhaça e bancou, na cara e na coragem (e na dívida com o banco), dia 17 te pago, dan, ufat como sou grata a il, nossal penso que seria a hora de receber uma ajuda para gravar o disco dos sonhos, o disco que ando matutando, elaborando, pirando, mas a natura acta que não é a hora, penso que essa gente nunca foi a um show meu, é bem difícil fazer edital e explicar qual a importância da sua música pro cenário atual, troço terrivelmente complexo, se eu pudesse ser poética nos editais, seria lindo, mas não, mas nada, literatura formal não é comigo, fica aqui o convite: venham, curadores, venham sei lá quem, venham ver meu show, minha cara tá aí, pra tomates ou beijocas, o salto no abismo, what a feeling, eu escolho tudo isso, sempre, já que já pessei o chill out, vou citar uma frase do time "dançando no escuro": "dizem que é a última canção, mas eles não nos conhecem, só será a última canção se deixarmos que seja," então aviso aos terrestres (os navegantes não precisam de avisos, meu farol tá acessa há tempos, os terrestres precisam de sacode, creio): meu disco solo vai sair, nem que demore muito, nem que eu tenha que fazer trezentas locuções pra pagar os músicos, o estúdio, a saga toda, achei que fosse ficar triste, mas sendo sozinha como já sou, sempre fui, acho que só confirmo que minha cabra na montanha é essa, que meu trajeto é livre, corajoso, genuíno, e mesmo com ascendente em virgem, estou conseguindo me elogiar essa noite, capaz de vocês me falarem "você é linda" e eu nem contar o preço da minha blusa, seres humanos saíram de outros estados pra vir me ver hoje, fico com isso, fico com esse Recife, tubarões bem perto, mas ah, que brisa maravilhosa.

(a selfie é pra atrair mais leitores, que eu não sou nem boba nem nada, boa noite, sonhem com o mar)

Fonte: <https://www.facebook.com/letruxleticia/posts/10155140153510828>

O texto da imagem um (1) menciona diversas situações vividas pela autora, mas em suma ela agradece aos fãs e as pessoas que lhe deram força durante o período em que elabora um disco solo, longe de sua banda já conhecida por um grande público, a banda Letuce. Aqui fica visível as condições de produção do autor, em que se inscreve nesse espaço e não outro, para agradecer por algo que possui um significado, tanto para ela como sujeito-autor, tanto para seus fãs no lugar de sujeitos-leitores.

Imagem 2

estava se sentindo Muito agradecida pela boa fé da com e outras 3 pessoas.

15 de janeiro · 11

Textão...

Minha pergunta pra vcs é: Quem empresta algo pra alguém que nem conhece? Ontem vim pra Santiago, viagem ótima, muitas músicas e risadas no carro... No final da tarde, meu celular começou a pedir bateria, procurei meu carregador e nada, esqueci em Santa Maria... E agora? Quem da casa que estou tem um compatível com o meu? Procura dali, pergunta daqui e ninguém tinha... Quería poder tirar fotos e responder minhas amigas no Whats e face, mas fazer o que? Na correria acabei esquecendo mesmo... Eis que surge a ideia, da de publicar num grupo, se alguém tinha pra vender um baratinho, a super de boas publicou... Foi quando uma moça respondeu, dizendo que tinha um carregador universal, e que podia me emprestar. Sim gente EMPRESTAR, vcs lembram o que isso significa? Dar uma coisa à outra pessoa por tempo determinado, sem cobrar nada, esperando ter de volta depois do uso... A moça nunca tinha nos visto na vida e ofereceu pra emprestar o carregador. Fomos buscar na casa dela, e é por isso que To podendo contar essa história pra vcs. O nome dessa garota super de boa fé, é.

no mundo de hj não se encontram pessoas como vc, que depositam confiança nos outros. Podem dizer que foi apenas o empréstimo de um carregador, mas pra mim isso foi a comprovação de que este mundo ainda tem salvação, que ainda existem pessoas que confiam e acreditam nas outras. Só posso te agradecer pelo gesto, e hj mais tarde passo aí pra devolver teu carregador.

Obrigada...

Beijos

40

5 comentários

Curtir Comentar

Fonte: <https://www.facebook.com/Priscile.Pimentinha/posts/1393935930637849>

O texto da imagem dois (2) traz a questão da confiança. Do quanto é difícil confiar nas pessoas, confiar em quem nós não conhecemos se torna algo mais difícil ainda. A autora demonstra grande gratidão a uma moça que lhe emprestou um carregador universal, pois ao viajar esqueceu o carregador em sua cidade. O sujeito, sabendo da grande visibilidade que as Redes Sociais possuem, elabora um *Textão* para dizer aos leitores que sim, ainda é possível acreditarmos em pessoas de boa índole, capazes de emprestar algo considerado importante apenas confiando na palavra de uma pessoa que não conhece.

Por quais motivos o sujeito acredita ser importante demonstrar a lealdade de uma pessoa? Arrisco afirmar que tudo está atrelado, novamente, nas condições de produção desse sujeito. Ele considera importante, pois nos dias da contemporaneidade os sujeitos estão cada vez mais virando as costas para o próximo, como se todos ao seu redor não fossem pessoas que possuem seus defeitos, falhas e dispersões. Talvez, por esse motivo, que o sujeito autor aqui quis trazer à tona a noção de confiança para o século 21. Mesmo estando conectados com todos nessa rede de comunicação, quando trata-se de comunicarmo-nos “ao vivo e à cores”, isso não acontece.

Podemos notar nas duas imagens, em um primeiro momento, que os textos acusam que são *Textões*. Para esclarecer melhor o que estamos considerando nos textos para selecioná-los nós elaboramos algumas regularidades.

Para nós um *Textão* só será considerado *Textão* se apresentar: um aviso. Seja da maneira que for, o sujeito deve avisar no princípio de seu texto que está elaborando um *Textão*. Ele deve ser longo. Não necessariamente muito extenso, mas que traga além do tema do *Textão*, contribuições, opiniões, reflexões do sujeito sobre o assunto abordado. Deve estar localizado em Redes Sociais, mais especificamente no Facebook, pois além de ser o lugar em que há mais recorrência de *Textão*, é onde os sujeitos demonstram estar mais à vontade para escrevê-los.

O texto deve ser um desabafo ou ser semelhante a um desabafo. Partindo da ideia de que o *Textão* é o lugar em que o sujeito irá relatar, posicionar-se acerca de assuntos que carregam a sua visão, o seu ponto de vista. Ou seja, para que possamos considerar esses textos

como sendo um *Textão*, nós seguiremos essas regularidades a fim de que obtenhamos certa simetria nos textos selecionados.

Seguiremos também com base nas noções de Texto para A.D, a fim de compreender melhor o funcionamento do *Textão* nesse espaço virtual. Como pesquisadora e analista de discurso, compreendo que há uma história de leituras que afetam esses textos. Pois, segundo Orlandi (2001): “O mesmo leitor não lê o mesmo texto da mesma maneira em diferentes momentos e em condições distintas de produção de leitura, e o mesmo texto é lido de maneiras diferentes em diferentes épocas, por diferentes leitores.” (p. 62).

Trazendo a noção de que o texto é heterogêneo, pois é atravessado por diversas formações discursivas e é afetado por diferentes posições do sujeito. Contudo, as diferentes formações discursivas regionalizam as posições do sujeito em função do interdiscurso. Ou seja, como analista de discurso, devo percorrer, no texto, o movimento dos percursos de sentido subjetivados, que são projeções do funcionamento das formações discursivas.

Ao realizarmos a leitura e a análise desses textos é notório que os sujeitos estão relatando algo que é de sua vivência mesmo, algo considerado do seu íntimo. Eles expressam suas opiniões e as defendem. De certa maneira esses *Textões* podem ser lidos como uma forma de desabafo também.

Não seria correto afirmar que são todos os sujeitos que se sentem à vontade para se expressar na Rede Social, até porque muitas pessoas nem se quer “postam” algo que seja íntimo e se quer querem publicar um *Textão*. Porém, analisando os textos, notamos que os sujeitos sentiram certa liberdade para escrever, pois estão relatando uma experiência pessoal, algo particular, e mesmo sabendo que muitas pessoas irão ler, escrevem e publicam.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o que foi refletido neste artigo pudemos elaborar algumas conclusões preliminares que, a partir delas, afirmamos que o sujeito autor dos textos analisados, e dos textos que ainda serão analisados, estão carregados de marcas discursivas que demonstram o lugar em que esse sujeito se encontra, em determinadas condições de produção, atravessado por sua memória, por sua formação imaginária e discursiva, e, ao expressar o seu dizer,

transmite o significado uno (ilusório) de seu discurso, que transforma-se em múltiplos significados pelos diferentes gestos de interpretação.

Na A.D. texto não é somente carregado de regras com uma organização a ser seguida. Texto vai muito além disso! Tem-se a questão da historicidade, das diferentes possibilidades de leitura, pois há a questão do equívoco, da falha; e há o espaço que existe pela relação do discurso e do texto onde há diferentes gestos de interpretação. A internet está repleta de textos que em determinadas condições de produção transforma-se em *Textão*.

Os *Textões* são filiações de sentidos. Transmite-se sentidos através do discurso, na sua textualização, elaborando essa relação com o funcionamento discursivo, podendo assim “visualizar” diversas outras leituras de um mesmo texto. Assim como Orlandi (2007) menciona: “Quando uma palavra significa é porque ela tem textualidade, ou seja, porque a sua interpretação deriva de um discurso que a sustenta, que a provê de realidade significativa” (p. 52).

Ou seja, todo texto carrega significado, toda palavra, mesmo que seja apenas o “Ela” na porta do banheiro feminino possui sentidos; há a interpretação dos sujeitos nesse exemplo e essa palavra carrega um discurso que significa, por trás disso há toda uma questão ideológica e histórica e, faz sentido. Os textos devem ser considerados incompletos; são heterogêneos; são atravessados por diversas formações discursivas por isso, a partir do sujeito leitor temos interpretações que são distintas.

Trata-se de saber onde esse texto foi escrito. Por quais motivos o sujeito-autor sentiu necessidade de “falar” justamente nas Redes Sociais? O texto aborda qual assunto? É necessário levar em conta também quem era o sujeito autor desse texto, pois aí entra a questão da formação discursiva, da formação imaginária e da função-autor.

Ou seja, esse texto é atravessado por diversas formações discursivas, há diversas leituras próprias do sujeito-autor e também do sujeito-leitor. Pensando nisso, pela perspectiva do analista de discurso, esse sujeito-autor escreveu por algum motivo, escreveu imaginando (ilusão) que alguém irá ler o seu texto.

Há muitos percursos que devem ser levados em conta ao analisarmos os *Textões*. É notório que existem uma série de conceitos que vão sendo elaborados e construídos ao longo do processo de escrita de um texto e o analista de discurso não deve esquecer que existe um sujeito-autor que escreve pensando na unidade e deve compreender que aquele texto e que

aquele sujeito-autor traz diversas questões que estão “sobrevoando” o que está exposto no texto. É importante lembrar que há questões históricas, políticas, ideológicas, que envolvem memória, falhas, equívocos e que tudo isso deve ser levado em conta ao analisarmos pela perspectiva da A.D. Compreender as significações daquele processo discursivo.

5 ANEXOS



10 de setembro de 2016

nunca escrevi "senta que lá vem textão", porque amo/sou textão, então não peço desculpas pelo que amo/sou, e basicamente sempre que escrevo no facebook é textão, então seria chato pedir desculpa toda hora. agradeço a resistência dos que não obedecem a sociedade excitada (gracias, thiago, pela graça filosófica trazida - ainda não alcançada). pois. a quantidade de gente que pede show do letuce no nordeste não tá no gibi (perdão, jovens, pela gíria anciã). algumas tentativas, alguns editais frustrados, algumas ideias mirabolantes, e não, nunca rolou. anunciei minha ida sozinha a Recife, num show onde toco minha guitarrinha e canto umas canções minhas, uma ou outra do letuce y otras cosas más. rolou um alvoroço. gente de natal pedindo pra eu esticar minha ida até lá. mas dinheiro na mão não existe, só mesmo o vendaval. cheguei em Recife 15 anos após pisar aqui pela última vez. em 2001 vim visitar marina, minha amiga de colégio e passei um mês de puro prazer e encontro linguístico, sonoro, astral. meu avô paterno era pernambucano, da cidade de floresta, sim, onde ocorrem as famosas brigas novaes x ferraz (risos-choros), nos visitava quando eu era pequena, e lembro de sair do banho e ele dizer "tá alinhada", com aquele D que só Recife tem, e eu salivo e juro que é o sotaque mais lindo do mundo. em 2001 paguei 1 real num meio de transporte que me levou pra ilha de Itamaracá. não sei se era van ou kombi e nem importa. importa que custou 1 real e eu fui pra outra cidade por 1 real. o herbet vianna sofreu o acidente, eu estava aqui em Recife, foi intenso. fui pra Olinda no carnaval, vi shows maravilhosos, andei de porto de galinhas até maracaípe, entrei no mar sem biquini, era um início de sensações & emoções que não teriam mais volta. estar aqui hoje foi intenso e cheio de significados. minha vódrasta, minha tia e os filhos me levaram pra almoçar. moqueca, bobó, aquela coisa maravilhosa. de tarde fui para o jardim do Museu do Estado de Pernambuco. que graça. astral total. foi chegando gente, gente que é fã, gente curiosa, muitos velhinhos de cabeça branca que frequentam o Museu, independente da programação (todos vieram falar depois e nossa, sem palavras). e daí que visto que Letuce, minha banda, anda meio em pausa, em suspensão, por mil motivos: Lucas tocando com Legião Urbana, crise, conspirações do universo, enfim, aproveitei a pausa e embrionei num lugar muito curioso que é minha nudez. eu poderia já ter gravado um disco, mas tatuei uma tartaruga no ombro e não foi à toa. tenho outro tempo. sou rápida pra limpar cozinha e pra decidir o que comer, mas sobre as emoções sou lenta. contemplo, matuto, mudo de ideia, espero o arrepio da confirmação, é uma grande maluquice que estou tentando traduzir só pra me fazer clara, mas enfim. me aproximei da minha guitarrinha verde. fiz outras canções. relembrei outras. e como lancei meu livro ano passado, o Zarália (que alegria que você me dá, livro, nossa), montei um show meio sarau, meio stand up, meio muita coisa, que é o que realmente sou. gêmeos na casa 10, não dava pra fugir. meu trabalho é múltiplo. e com todo têsão genuíno que tenho por todas as atividades que exerço. não é falta de atenção. é desejo exacerbado por tudo. amo atuar, amo cantar, amo escrever, amo fazer locução. amo o amor. amo viver. e me entrego 99% a tudo que faço. o outro 1% reservo para o mistério. fiz alguns shows sozinha, por vezes Thiago ou Arthur, meus amores, me acompanharam, mas o cerne do lance é estar só, no palco, nua, descobrindo uma letícia pós Letuce. Letuce sempre foi eu, pois era meu apelido, mas Lucas era maestro e 5 planetas em touro, então as palavras finais não eram exatamente minhas, apesar da banda ser democrática, mas eu já aceitei algumas coisas porque detesto conflito, sou ruim de brigar, brigo mal. antes que leiam esse texto de forma errada, deixo aqui que sou extremamente grata a ele, que me profissionalizou, verdadeiramente. é sobre outra coisa que quero falar, mas às vezes precisamos atravessar a lama pra chegar ali naquela borda, com menos lama. depois do show sozinha-sozinha aqui em Recife, fui autografar os livros e os discos que vendi (todos! devia ter trazido mais, mas como saber? e o peso da mala? aaahhh). vieram três pessoas de outras cidades. uma de João Pessoa, outra de Natal, e outra veio de Alagoas (não sei se de Maceió). se eu não fui até eles, eles vieram até mim. uma das meninas, veio e ia voltar no mesmo dia. 5 horas pra vir, 5 horas pra voltar. meu olho enche de lágrima enquanto escrevo isso porque isso é real, isso é maluco, isso é do reino da emoção, e nada, nunca vai ser mais bonito do que a emoção. que alegria saber disso. o ego é acariciado mas foram anos de bullying e poucos elogios numa fase que é tão importante ouvir elogios, então consigo receber sem inflar. consigo trocar. consigo doar, consigo receber. que sorte. que trabalho. que delicado. saio pra jantar com dois queridxs de Recife, falamos sobre a cidade, eu babando no sotaque, e tome-lhe peixe, e tome-lhe caipirinha de cajá. passo em frente ao prédio onde foi filmado Aquarius. amanhã quero ir pra porto de galinhas, ver o mar. foda-se que é turista, amanhã não é feriado, e eu quero ver o mar. tomara que não chova, hoje choveu, que pena. mas tudo bem porque falaram que ontem estava tão quente, tão quente, que "rapaz, era um sol pra cada cabeça" (fazer o sotaque pra frase ficar mais charmosa ainda). chego no hotel na beira do mar, cogito sentar no banco e esperar ver um tubarão. olho preto de tubarão me fascina. mas estou cansada, acordei 4:20 (risos) pra pegar o avião. abro meu email e descubro, pela terceira vez, creio, que não passei no edital da Natura. dessa vez era pra gravar meu disco solo. com produção da Mahmundi. sinto um ligeiro baque. penso nos artistas que já foram beneficiados por tal edital (alguns até duas vezes seguidas!), penso em todas as pessoas (do meio até) que já me alertaram que aquilo ali é conchavo. penso no meu pai que patrocinou o primeiro disquinho do Letuce. penso nos fãs que nos ajudaram no crowdfunding do segundo álbum. e penso no dinheiro que ainda devo à Danixelas, minha bruxa, que foi a produtora do estilhaça e bancou, na cara e na coragem (e na dívida com o banco). dia 17 de pago, Dani, ufa! como sou grata a ti, nossa! penso que seria a hora de receber uma ajuda para gravar o disco dos sonhos. o disco que ando matutando, elaborando, pirando, mas a Natura acha que não é a hora. penso que essa gente nunca foi a um show meu. é bem difícil fazer edital e explicar qual a importância da sua música pro cenário atual. troço terrivelmente complexo. se eu pudesse ser poética nos editais, seria lindo, mas não, mas nada. literatura formal não é comigo. fica aqui o convite: venham, curadores, venham sei lá quem, venham ver meu show. minha cara tá ai, pra tomates ou beijocas. o salto no abismo. what a feeling. eu escolho tudo isso. sempre. já que já pesei o chill out, vou citar uma frase do filme "Dançando no Escuro": "dizem que é a última canção, mas eles não nos conhecem, só será a última canção se deixarmos que seja." então aviso aos terrestres (os navegantes não precisam de avisos, meu farol tá aceso há tempos, os terrestres precisam de sacode, creio): meu disco solo vai sair, nem que demore muito, nem que eu tenha que fazer trocentas locuções pra pagar os músicos, o estúdio, a saga toda. achei que fosse ficar triste, mas sendo sozinha como já sou, sempre fui, acho que só confirmo que minha cabra na montanha é essa, que meu trajeto é livre, corajoso, genuíno, e mesmo com ascendente em Virgem, estou conseguindo me elogiar essa noite. capaz de vocês me falarem "você é linda" e eu nem contar o preço da minha blusa. seres humanos saíram de outros estados pra vir me ver hoje. fico com isso. fico como Recife: tubarões bem perto, mas ah, que brisa maravilhosa.

(a selfie é pra atrair mais leitores, que eu não sou nem boba nem nada, boa noite, sonhem com o mar)

Figura 1



██████████ estava 😊 se sentindo Muito agradecida pela
boa fé da ██████████. com ██████████ outras 3
pessoas.
15 de janeiro · 👤

Textão...

Minha pergunta pra vcs é:
Quem empresta algo pra alguém que nem conhece?
Ontem vim pra Santiago, viagem ótima, muitas músicas e risadas no
carro... No final da tarde, meu celular começou a pedir bateria, procurei
meu carregador e nada, esqueci em Santa Maria... E agora? Quem da
casa que estou tem um compatível com o meu? Procura dali, pergunta
daqui e ninguém tinha... Queria poder tirar fotos e responder minhas
amigas no Whats e face, mas fazer o que? Na correria acabei
esquecendo mesmo... Eis que surge a ideia, da Drika, de publicar num
grupo, se alguém tinha pra vender um baratinho, a Eli super de boas
publicou... Foi quando uma moça respondeu, dizendo que tinha um
carregador universal, e que podia me emprestar. Sim gente
EMPRESTAR, vcs lembram o que isso significa? Dar uma coisa à outra
pessoa por tempo determinado, sem cobrar nada, esperando ter de volta
depois do uso... A moça nunca tinha nos visto na vida e ofereceu pra
emprestar o carregador. Fomos buscar na casa dela, e é por isso que To
podendo contar essa história pra vcs.
O nome dessa garota super de boa fé, é ██████████
Any, no mundo de hj não se encontram pessoas como vc, que depositam
confiança nos outros. Podem dizer que foi apenas o empréstimo de um
carregador, mas pra mim isso foi a comprovação de que este mundo
ainda tem salvação, que ainda existem pessoas que confiam e acreditam
nas outras. Só posso te agradecer pelo gesto, e hj mais tarde passo aí
pra devolver teu carregador.
Obrigada...
Beijos
👩👧👩👧👩👧👩👧👩👧

👍❤️ 40 5 comentários

👍 Curtir 💬 Comentar

Figura 2

6 REFERÊNCIAS

DIAS, C. P. **A discursividade da rede (de sentidos): a sala de bate-papo hiv** / Cristiane Pereira Dias. - Campinas, SP: 2004.

_____. **A língua no imaginário da internet: duas experiências através da escrita.** Anais Abralín. 2009. Disponível em http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/prin_total.htm Acesso em: 11 out. 2017.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** / Pierre Lévy; Tradução de Paulo Neves. – São Paulo: Editora 34, 2011 (2ª edição). 160p. (Coleção TRANS) Tradução de: Qu'est-ce que le virtuel?

_____. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática** / Pierre Lévy; tradução de Carlos Irineu da Costa. – Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. 208 p. (Coleção TRANS).

GALE, K. **A vida antes do email e das redes sociais** / Kate Gale; Atualizado em 2017. Disponível em: http://www.huffpostbrasil.com/kate-gale/a-vida-antes-do-email-e-das-redes-sociais_a_21679086/ Acesso em: 12 out. 2017.

GALLO, S. **A internet como acontecimento.** In: INDURSKY, F.; MITTMAN, S.; LEANDRO-FERREIRA, M. C. (orgs.). *Memória e história na/da Análise do Discurso.* Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011. p. 255-269.

_____. **Discursividade Online.** Texto enviado para publicação no livro resultante do V SEAD - Seminário em Análise de Discurso. Porto Alegre - RS, UFRGS, setembro de 2011. No prelo. Disponível em: <http://solangegallo.blogspot.com.br/> Acesso em: 08 out. 2017.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso.** 2. ed. Campinas: Pontes, 1987.

_____. **Discurso e Texto – Formulação e Circulação dos Sentidos.** Eni P. Orlandi – Campinas, SP: Pontes Editores, 2001.

_____. **Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.** Eni P. Orlandi – 5ª Edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

_____. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos** / Eni P. Orlandi 12ª Edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes Editores, 1990.

_____. **Análise automática do discurso.** In: GADET, F.; HAK, T. Por uma análise automática do discurso. Tradução de Bethania Mariani et al. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1993.

PETRI, V.; DIAS, C. **Análise de discurso em Perspectiva. Teoria, método e análise** / Verli Petri e Cristiane Dias (organizadoras). – Santa Maria: Ed. da UFSM, 312p. 2013.

SCOTTA, L. **Da enciclopédia enquanto um círculo que se fecha à wikipédia enquanto uma rede que abre: um gesto interpretativo**. 2008. 113 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

SILVA, L.W. **Internet foi criada em 1969 com o nome de “Arpanet” nos EUA**. Folha de São Paulo. 2001. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u34809.shtml>> Acesso em 10 out. 2017.